

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UFMG
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE EDUCADORES PARA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Rosemary Aparecida de Oliveira Leonídio

CRIAÇÃO DE CURTAS DE ANIMAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Belo Horizonte

2015

Rosemary Aparecida de Oliveira Leonídio

CRIAÇÃO DE CURTAS DE ANIMAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação/ Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Ana Lúcia de Faria Azevedo

Belo Horizonte

2015

Rosemary Aparecida de Oliveira Leonídio

CRIAÇÃO DE CURTAS DE ANIMAÇÃO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Especialista em Educação e Cinema, pelo Curso de Especialização em Formação de Educadores para Educação Básica, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientadora: Ana Lúcia de Faria Azevedo

Aprovado em 9 de maio de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dra. Ana Lúcia de Faria Azevedo – Faculdade de Educação da UFMG

Professora Dra. Maria Jaqueline de Grammont

Dedico este trabalho à minha família e amigos que estiveram comigo nesta batalha, e me deram forças para que eu chegasse até aqui.

E principalmente às crianças da turma onde este trabalho foi desenvolvido, que mostravam vontade de aprender e garra nos momentos em que algumas pessoas duvidavam que conseguiríamos concluir nosso trabalho.

Esta vitória é nossa!

Agradeço à direção, coordenação e aos colegas da Escola Municipal CIAC Lucas Monteiro Machado, pelo apoio nos momentos difíceis.

A professora Klaud que, também, desenvolveu este trabalho com a turma e me deu força e incentivo para concluirmos o curso de Educação e Cinema juntas.

A turma de Educação e Cinema, que me proporcionou momentos de alegrias e descontração ao longo do curso.

E especialmente a minha orientadora Ana Lúcia, pela paciência, dedicação e ensinamentos compartilhados.

Meu muito obrigada a todos!

Interiores

Se você abre uma porta, você pode ou não entrar em uma nova sala.

Você pode não entrar e ficar observando a vida.

Mas se você vence a dúvida, o temor, e entra, dá um grande passo: nesta sala vive-se!

Mas, também, tem um preço...

São inúmeras outras portas que você descobre.

Às vezes curte-se mil e uma.

O grande segredo é saber quando e qual porta deve ser aberta.

A vida não é rigorosa, ela propicia erros e acertos.

Os erros podem ser transformados em acertos quando com eles se aprende.

Não existe a segurança do acerto eterno.

A vida é generosa, a cada sala que se vive, descobre-se tantas outras portas.

E a vida enriquece quem se arrisca a abrir novas portas.

Ela privilegia quem descobre seus segredos e generosamente oferece afortunadas portas.

Mas a vida também pode ser dura e severa.

Se você não ultrapassar a porta, terá sempre a mesma porta pela frente.

É a repetição perante a criação, é a monotonia monocromática perante a multiplicidade das cores, é a estagnação da vida...

Para a vida, as portas não são obstáculos, mas diferentes passagens!

Içami Tiba

RESUMO

Este trabalho consiste em uma experiência de criação de curtas de animação no processo de alfabetização, usando a técnica do stop motion, que foi desenvolvido no ano de 2014, na Escola Municipal CIAC Lucas Monteiro Machado, com crianças do 1ºano do 1º ciclo. Tendo como objetivos levar as crianças, em idade de alfabetização, a uma aprendizagem da leitura e escrita de uma forma lúdica e prazerosa e também estimular o senso crítico delas, com relação às produções audiovisuais que consomem diariamente através da Internet, TV e Cinema. Buscou-se desenvolver ações sociais e culturais que contribuíssem para o processo de aquisição da leitura e escrita de forma lúdica e contextualizada, através de atividades com músicas e parlendas estudadas ao longo do ano, atividades estas que envolviam vídeos de curta metragem, textos e áudios, para incentivar à leitura/escrita das crianças, além de um maior contato com produções audiovisuais. Foi um trabalho significativo porque além de levar às crianças a uma forma divertida e prazerosa de aprender através das parlendas e os curtas de animação, serviu para trabalhar alguns valores e habilidades como o respeito ao limite do outro e a capacidade de desenvolver estratégias para resolver situações inesperadas que surgem nos trabalhos em equipe.

Palavras-chave: Alfabetização, criação de curtas e Stop Motion.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	09
2. ESCOLA: LOCAL DE TROCAS DE APRENDIZAGEM	11
3. PARLENDAS COMO RECURSO ALFABETIZADOR	14
3.1. PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA	17
4. O CINEMA NA VISÃO DA CRIANÇA	26
4.1. CRIANÇA CONSUMIDORA OU AUTORA DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS?	28
4.2. A CRIANÇA COMO PARTICIPANTE DO PROCESSO DE CRIAÇÃO	30
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45
7. ANEXOS	47

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido na Escola Municipal CIAC Lucas Monteiro Machado ao longo do ano de 2014, com crianças de uma turma do 1º ano do 1º ciclo. E envolveu a criação de curtas de animação. Curtas estas que estiveram relacionados aos conteúdos, de alfabetização, estudados durante todo o ano letivo.

Trata-se de uma experiência com criação de curtas de animação usando a técnica do Stop Motion, uma técnica básica de animação, feita com imagens de fotos ou desenhos que formam uma sequência que passada rapidamente, nos dá a impressão de imagem em movimento, nos permitindo criar filmes/vídeos de maneira simples. É uma técnica que depende muito mais do olhar e da sensibilidade de quem as desenvolve do que do domínio de ferramentas.

Ao vermos uma criação de stop motion, quase não percebemos que existem lacunas nas imagens que estamos vendo. Trata-se de um fenômeno psicológico no qual o nosso cérebro apaga as lacunas entre uma fotografia e outra, isso ocorre, devido à sequência de fotografias parecidas associadas às cores e às formas passarem rapidamente. Mas não é certo que estas lacunas passarão despercebidas, algumas criações poderão sofrer mudanças de cenas e deixar estas lacunas visíveis

Um dos objetivos deste trabalho era estimular o senso crítico das crianças, com relação às produções audiovisuais que consomem diariamente através, principalmente, da Internet, TV e Cinema.

Estimular o senso crítico das crianças não é tarefa fácil, requer bastante dedicação, paciência, conhecimento da turma e acima de tudo criatividade para conquistar a atenção delas, que ficam agitadas e perdem o interesse por atividades rapidamente.

A concentração é importante para a realização de qualquer tarefa, quer seja física, quer seja mental. A concentração está associada à atenção, uma vez que é necessário estarmos atentos para atingirmos um certo nível de concentração.

A capacidade para se concentrar numa tarefa varia de criança para criança, dependendo, não só do seu estado mental, como também emocional e físico. Além das condições externas, como o espaço, a temperatura e o ruído que podem torná-las agitadas, uma vez que um ambiente desfavorável provoca a falta de concentração, o que prejudica no desenvolvimento cognitivo.

Enfim, trabalhar a concentração é tarefa difícil, mas nós educadores temos que reverter esta situação desfavorável, desenvolvendo estratégias para criarmos ambientes propícios à aprendizagem que motivem as crianças a terem mais atenção em atividades simples do dia-a-dia.

O trabalho surgiu da vontade de levar as crianças, em idade de alfabetização, a uma aprendizagem da leitura e escrita de uma forma lúdica e prazerosa, porque quando se aprende brincando o aprendizado vem “carregado” de significados positivos que serão lembrados por toda a vida. Além da boa aceitação dos desenhos animados por parte das crianças, a facilidade de se encontrar estes desenhos (principalmente na WEB), o tempo de exibição (que por ser curto consegue 'prender' a atenção dos menores) e acima de tudo da vontade de levar para o cotidiano escolar algo novo, que auxiliasse no processo da alfabetização. E esta novidade foram os curtas de animação.

A escola já desenvolvia o projeto “alfabetizando com parlendas”¹, e aproveitando esta prática, decidi introduzir os curtas de animação neste processo, porque o cinema nos faz conhecer mundos e sair da nossa realidade e entrar num mundo de fantasias, além de ser um instrumento no processo de aprendizagem por se tratar de uma linguagem bem aceita pelas crianças. E isso poderia enriquecer o projeto que vínhamos realizando.

A vantagem de se trabalhar parlendas em curtas de animação é que estes podem transmitir informações sobre contextos históricos e sociais, ajudam a organizar o pensamento, estimulam a capacidade de observação/reflexão, possibilita uma educação dos sentidos/sensibilidade e acima de tudo desenvolve a criatividade.

¹ Um projeto das turmas do 1º ano do 1º ciclo, que envolvia o estudo de parlendas (sílabas, palavras, frases, sequência, re-leitura, re-escrita).

2 - ESCOLA: LOCAL DE TROCAS DE APRENDIZAGEM

A Escola Municipal CIAC Lucas Monteiro Machado, onde foi desenvolvido o trabalho, está localizada numa área de periferia de Belo Horizonte, na Vila Pinho, que é um bairro na região de Belo Horizonte na região do Barreiro, Minas Gerais. A Vila Pinho surgiu em 1987, e tem como escolas: Escola Municipal CIAC Lucas Monteiro Machado, Escola Municipal Vila Pinho e Escola Municipal Edith Pimenta da Veiga.

O CIAC é composto de: dezessete salas de aula, sala de professores, sala de AEE (Atendimento Educacional Especializado), sala de artes, duas salas do PIP (Projeto de Intervenção Pedagógica), duas salas de coordenação, sala da direção, sala de mecanografia, secretaria, cantina, almoxarifado, banheiros masculinos e femininos para alunos, banheiro para portadores de necessidades especiais, banheiros para professores, professoras e auxiliares de apoio à inclusão, banheiros para funcionários da cantina e da limpeza, laboratório de ciências, laboratório de informática, biblioteca com computador para pesquisa, auditório com capacidade para 300 pessoas, quadra coberta, quadra ao ar livre, campo de futebol, espaços com mesas de ping pong e jogos de tabuleiro, além de outros espaços que tornam a escola um ambiente bonito e agradável, como paredes grafitadas pelos estudantes do Projeto Escola Integrada e jardins bem cuidados. A escola é cercada por telas e não possui muros, à comunidade está sempre presente, à noite o futsal é um ponto de encontro de amigos e aos sábados e domingos acontece o programa Escola Aberta.

O CIAC atende crianças com idades entre 4 e 15 anos, nos turnos da manhã e tarde e conta com uma equipe de 51 professores no ensino fundamental e 34 professoras na educação infantil. A UMEI (Unidade Municipal de Educação Infantil) Lucas Monteiro Machado encontra-se num prédio anexo ao CIAC.

A organização do sistema é através de ciclos, 1º, 2º e 3º ciclos - cada ciclo é composto de três anos escolares: 1º ano, 2º ano e 3º ano.

Os recursos pedagógicos da escola são bem diversificados, com equipamentos que

atendem a necessidade da aula programada: computadores com acesso à internet para alunos e profissionais, aparelhos de TV com DVD nos corredores e em algumas salas, sons portáteis, data show, materiais de ciências (esqueleto, pirâmide alimentar, bonecos modelos anatômicos com órgãos para estudo), impressoras, copiadora, materiais pedagógicos e de papelaria para o trabalho escolar.

A alimentação das crianças recebe um cuidado especial, é acompanhada de perto por uma nutricionista, com o objetivo de garantir às crianças uma alimentação saudável e balanceada.

A organização do trabalho é baseada numa proposta curricular construída coletivamente a partir dos estudos das Proposições Curriculares do Ensino Fundamental, os professores participam de cursos de formação continuada.

Os professores de cada ano têm a liberdade para trabalhar com projetos de acordo com a faixa etária da turma, além dos projetos, coletivos, construídos no decorrer do ano letivo, o que faz com que a escola não fique “presa” a datas comemorativas.

A turma da qual foi realizado o trabalho com a técnica do stop motion era composta por 22 alunos, sendo 9 meninos e 13 meninas. Era uma turma bem heterogênea, tanto na parte cognitiva quanto na parte disciplinar, era agitada e falante o que exigia energia e disposição das professoras.

Com relação ao espaço físico da sala de aula havia um cantinho de leitura (livros doados pelas próprias crianças, o qual era muito utilizado por eles), o alfabeto era pintado na parede acima do quadro negro (caixa alta e cursiva), além de alfabeto ilustrado na lateral da sala, chamadinha com os nomes das crianças, murais contextualizados com os conteúdos das aulas, cartazes de ajudantes do dia, calendário, combinados, aniversariantes do mês, todos ilustrados e bem coloridos.

Estes recursos favorecem o aprendizado e o desenvolvimento das crianças, principalmente em idade de alfabetização, pois, através de imagens, as crianças exploram espaços e os associam a conhecimentos já adquiridos.

As turmas de alfabetização, tinham em média 25 alunos, tornando-se um ambiente propício as trocas de conhecimentos, o que favorecia a interação e o aprendizado dos mesmos.

A turma, da qual foi desenvolvido o projeto, iniciou o ano com 25 crianças, com as seguintes hipóteses de escrita: duas crianças no nível da garatuja, dezoito no nível pré-silábico, três no nível silábico e duas no nível silábico alfabético, hipóteses estas que serão melhor detalhadas à frente.

O trabalho com imagens é importante, principalmente, nesta faixa etária, uma vez que é difícil conquistar a atenção destas crianças por um tempo mais longo, como já foi citado anteriormente. Desde cedo, elas têm contato com diversos materiais escritos, seja em casa ou na rua, pois vivem socialmente interagindo com várias culturas, criando hipóteses e quando vão para a escola, carregam dentro de si uma bagagem de conhecimentos já tendo certo entendimento do mundo letrado. Quando elas começam a frequentar a escola, novas habilidades (leitura e escrita) devem ser desenvolvidas, a partir do que elas trazem de casa. E uma maneira encontrada para trabalhar estas habilidades foi através da criação dos curtas.

Todas as crianças devem ter oportunidade de experimentar uma aprendizagem divertida, dotada de significados, pois brincando também se aprende, e as brincadeiras são fonte de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança, estimula a fantasia, o faz de conta, a criatividade (na construção de cenários e personagens), além de auxiliar na interação com seus pares em busca de novas aprendizagens, e para que estas aprendizagens aconteçam, é necessário a interação destas com o meio social e cultural na qual estão inseridas. Além disto, o educador deve mediar estas aprendizagens, oferecendo às crianças o contato com diferentes textos e valorizando aquilo que elas já sabem, o que falam e o que fazem.

3 – PARLENDAS COMO RECURSO ALFABETIZADOR

Outro objetivo desse trabalho foi o de trabalhar a alfabetização de maneira agradável e prazerosa, para isso foi usada uma abordagem do uso escolar dos curtas de animação, aproximando os estudantes e a linguagem do cinema em experiências com múltiplas linguagens (oral, escrita e corporal), promovendo uma relação de autoria na produção de seus próprios curtas de animação. Uma vez que a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos.

Levar os curtas para dentro da sala de aula é importante, porque faz com que as crianças estejam em contato com noções básicas da linguagem de animação.

Os curtas estiveram relacionados aos conteúdos, de alfabetização, estudados ao longo do ano letivo. Conteúdos estes que envolviam cantigas e fábulas² como: “O macaco e o coelho” e “O casamento da dona baratinha”. **Anexos 1 e 2**

Além das cantigas e fábulas, usamos, principalmente as parlendas (“Festa do Tatu”, “A Bota do Bode”, “Fogo no Céu” e “O Pote de Melado”)³. O material encontra-se em anexo: **Anexos 3, 4, 5 e 6**

As parlendas não seguem uma regra para serem criadas, são constituídas por pequenos versos que rimam, muitas vezes não há conexão dos versos. Por serem versos pequenos, são fáceis de memorizá-los e trazem uma sonoridade agradável, geralmente são recitadas em brincadeiras infantis.

² Histórias curtas, em que os personagens em sua maioria são animais que falam, pensam e agem como seres humanos; possui uma moral – ensinamento que é passado pela história.

³ Parlendas que fizeram parte do projeto “Alfabetizando com parlendas” um projeto desenvolvido no CIAC, para crianças das turmas de alfabetização.

Em contato com as parlendas, a criança poderá dar os primeiros passos para a leitura. Neste sentido,

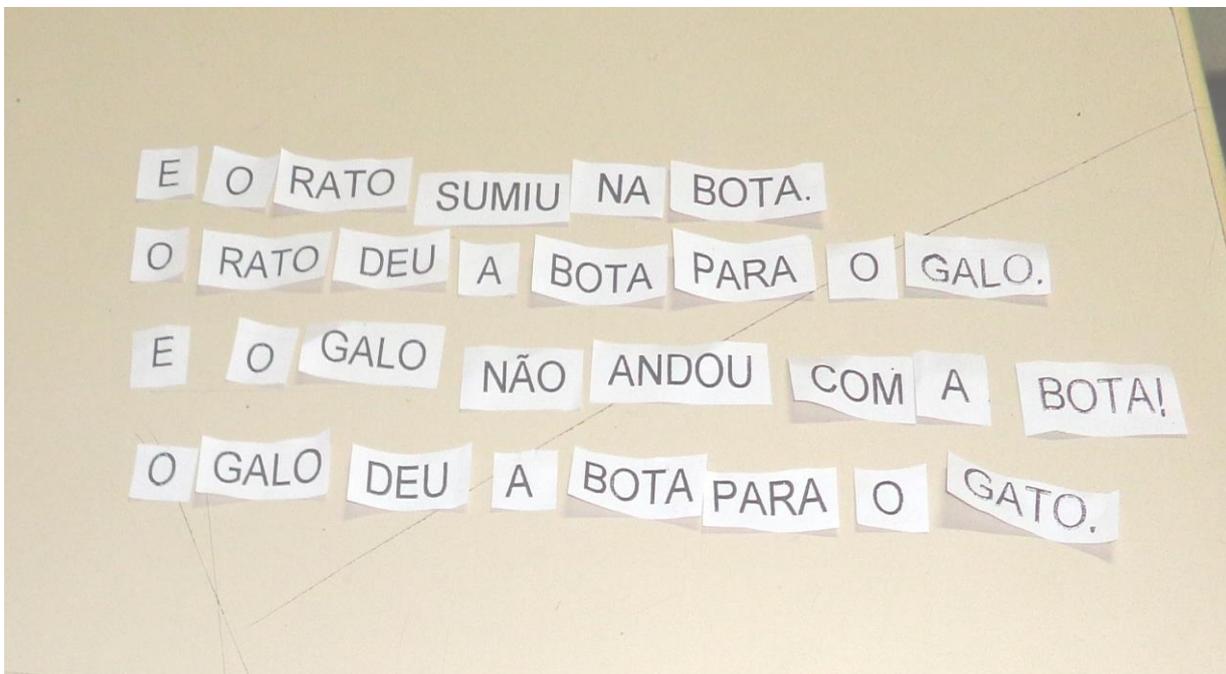
“A parlenda é um rico enunciado lúdico pedagógico que diverte, ensina, pela sua forma rítmica, sonora e motora, uma vez que desenvolve as condições linguísticas e sócio-culturais do homem. Este texto da tradição oral é utilizado, especialmente na fase infantil, como ferramenta de interação e divertimento.” (BESERRA; RODRIGUES, 2010, p.67).

Aprender através das parlendas é uma brincadeira gostosa, e aprender brincando faz com que a criança expresse suas emoções encontre sentido no mundo em que vive, além de fazer fluir a imaginação e a liberdade de criação. Portanto, cabe ao educador saber aproveitar deste momento gostoso que é o da brincadeira para trabalhar as linguagens oral e escrita, as parlendas apresentam-se como recurso para a aprendizagem e para a introdução da criança no mundo da leitura. Pois, estas contêm, de certa forma, um enunciado lúdico pedagógico pela sua forma e ritmo, jogos de palavras, onomatopeias, repetições e rimas que agradam muito às crianças pela linguagem simples e atraente, desenvolvendo o aspecto psicossocial das mesmas.

As parlendas são materiais ricos para o trabalho pedagógico de alfabetizar, pois trata-se de um gênero já conhecido pelas crianças e pode ser associada ao código escrito. Uma vez que no processo de alfabetização, é imprescindível a utilização dos gêneros orais, que ajudam a criança no momento de expressar-se e saber expressar seus pontos de vista em relação a determinado conteúdo. Além disso, como afirmam FERREIRA E RAMOS (2010, p, 58)

“Os gêneros orais estão sempre interligados aos gêneros escritos, por isso, no momento de aprendizagem, não existe o trabalho de um único gênero, mas dos dois, partindo-se do gênero oral para as práticas escritas (gênero escrito).” (FERREIRA E RAMOS, 2010, p, 58)

As parlendas são grandes aliadas no processo de alfabetização, pois fazem com que as crianças nesta fase de aprendizagem memorizem letras, formem sílabas, construam palavras, até chegar ao texto.



3.1 – PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA ESCRITA

É necessário compreender o processo de alfabetização a partir de usos e valores da leitura e da escrita. Pois, estas são uma construção social. Assim, seus usos e funções não podem ser desconsiderados pela escola, uma vez que só se aprende a ler e escrever porque se entende o para quê e o porquê fazer isso. E para que a criança descubra as funções da língua escrita (comunicação, registro, transmissão de conhecimentos e outros) é preciso criar situações em que esta seja usada funcionalmente e traga algum sentido no seu cotidiano. Assim, mais do que ler, é necessário compreender o processo de alfabetização a partir de usos e valores da leitura e da escrita. Por este motivo, é válido deixar a criança fascinada pela leitura e pela escrita, a fim de que como leitor e como escritor, possa escrever com maior plenitude seus direitos e deveres de cidadão.

De acordo com LEMLE (1988), as crianças precisam atingir algumas capacidades para aprender a ler e escrever:

A primeira é a capacidade de compreender a ligação simbólica entre letras e sons da fala e enxergar as diferenças entre as letras, para que deixem de ser meros “risquinhos” pretos na página branca. Nessa fase a criança precisa compreender que aqueles risquinhos pretos são a representação do som da fala.

A segunda capacidade é saber distinguir as letras do nosso alfabeto que possuem formas e/ou sons semelhantes.



E por último, a capacidade de ouvir e ter consciência dos sons da fala, com suas distinções relevantes na língua, como afirma LEMLE:

“O professor que não tem preparo para entender o fenômeno da mudança linguística com a mesma naturalidade com que entende o fenômeno da evaporação ou da condensação da água é presa fácil de uma teorização preconceituosa dos fatos de língua. É uma teorização tremendamente pernicioso. Esse professor, que não entende o fenômeno da mudança da língua, acaba fatalmente acreditando na ideia de que a língua escrita é a língua certa e que tudo que não é igual ao certo é errado.” (LEMLE, 1988, p. 63)

Segundo Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999), na teoria da Psicogênese, toda criança passa por níveis estruturais da linguagem escrita até se apropriar da complexidade do sistema alfabético. Estes níveis são: pré-silábico, silábico, silábico alfabético e alfabético.

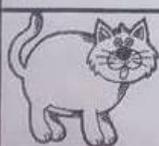
Em cada nível há processos em que a criança assimila parte da informação recebida e acrescenta estas no processo de construção da escrita. A transição de um nível para o outro é gradual e acontece de acordo com o tempo de cada criança.

NÍVEL PRÉ-SILÁBICO

As partes da escrita não correspondem às partes do nome. Fase gráfica primitiva – símbolos e pseudo letras, misturadas com letras e números. As crianças escrevem letras, bolinhas e números, como se soubessem escrever, sem uma preocupação com as propriedades sonoras da escrita. Nesse nível a criança explora tanto critérios qualitativos (varia o repertório das letras ou a posição das mesmas, sem alterar a quantidade) ou critérios quantitativos (varia a quantidade de letras de uma escrita para outra, sem preocupação com as propriedades sonoras). Para elas a leitura e a escrita só são possíveis se houver muitas letras (mais de 3 ou 4), e letras diferentes e variadas.

ESCOLA MUNICIPAL CIAC LUCAS MONTEIRO MACHADO – 1º ANO DO 1º CICLO
NOME: @SARA IRIS
PROFESSORA: [] ROSE M AP DATA: 24/08/2014

AUTO - DITADO

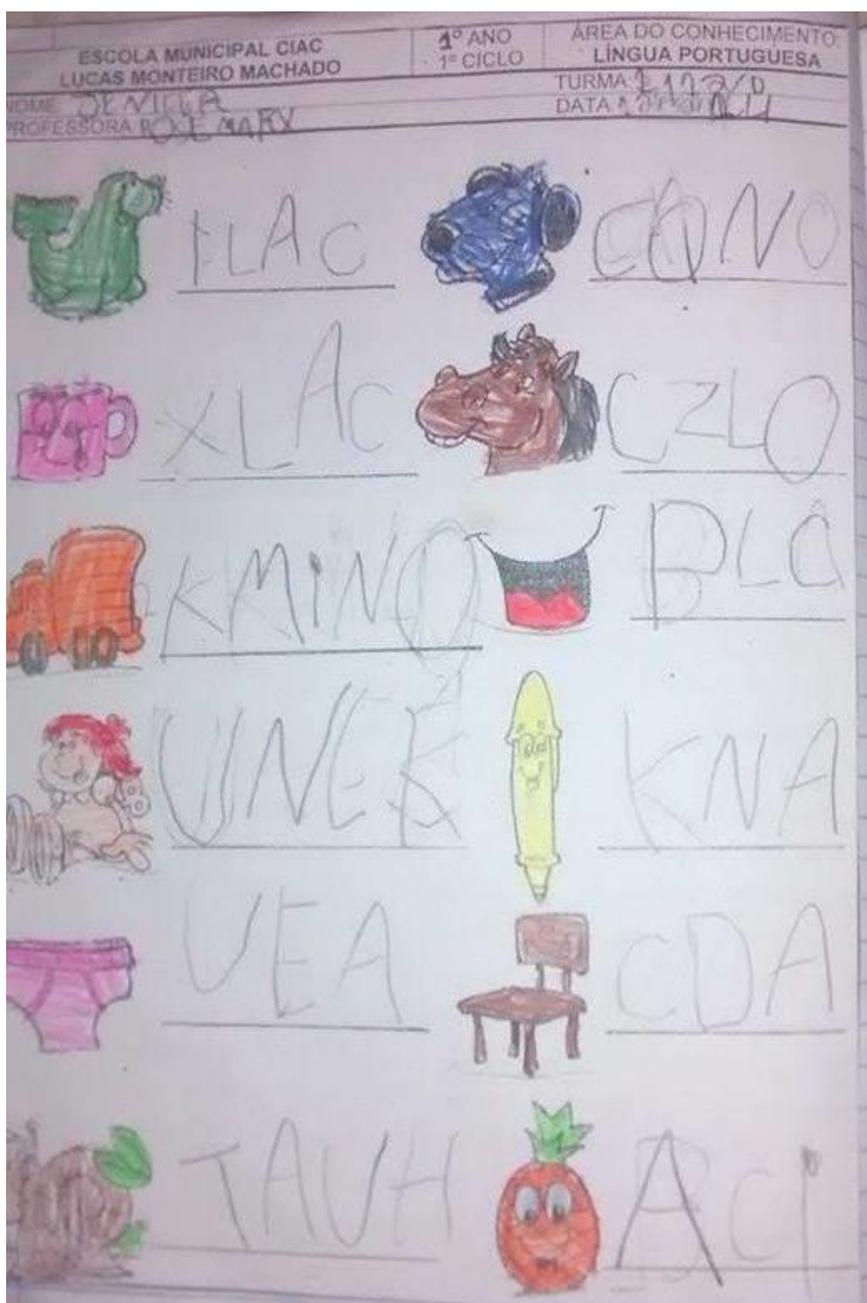
	2 A O E T L O
	P A S T I L L
	L P T O H A
	O U E S R O I
	I T O U A
	E U L K C

NÍVEL DE ESCRITA APRESENTADO:

<input type="checkbox"/> GARATUJA	<input type="checkbox"/> SILÁBICO QUALITATIVO
<input checked="" type="checkbox"/> PRÉ-SILÁBICO	<input type="checkbox"/> SILÁBICO-ALFABÉTICO
<input type="checkbox"/> SILÁBICO QUANTITATIVO	<input type="checkbox"/> ALFABÉTICO

NÍVEL SILÁBICO

É a descoberta de que a quantidade de letras com que vai escrever uma palavra pode ter correspondência com a quantidade de partes que se reconhece na emissão oral. “Pedacos sonoros”, essas partes são as sílabas e em geral, a criança faz corresponder uma grafia a cada sílaba. Inicia-se assim o período silábico, que evolui até chegar a uma exigência rigorosa. A criança já aceita palavras com uma ou duas letras. Esse nível representa um salto qualitativo da criança, que supera a etapa da correspondência global entre a forma escrita e a expressão oral atribuída.



NÍVEL SILÁBICO-ALFABÉTICO

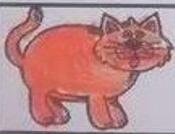
Nesse nível existem duas formas de correspondência entre sons e grafias: silábica (sílabas é o som produzido por uma só emissão de voz) e alfabética (análise fonética e/ ou análise dos fonemas, que são os elementos sonoros da linguagem e têm nas letras o seu correspondente). A criança escreve parte da palavra aplicando a hipótese silábica, de que para se escrever uma sílaba é necessário apenas uma letra. Costuma usar somente as vogais, porque combina com uma porção de palavras, mas para eles em uma palavra, não pode repetir a mesma letra duas ou mais vezes numa escrita, pois assim o resultado será algo “não legível”. Nesse nível, a criança já começa a acrescentar letras na primeira sílaba.

Exemplo: BONECA escreveu-se BOEA

CAVALO escreveu-se KVAO

ESCOLA MUNICIPAL CIAC LUCAS MONTEIRO MACHADO – 1º ANO DO 1º CICLO
NOME:  JEMFER
PROFESSORA:  ROSEMARY DATA: 14/02/2011

AUTO-DITADO

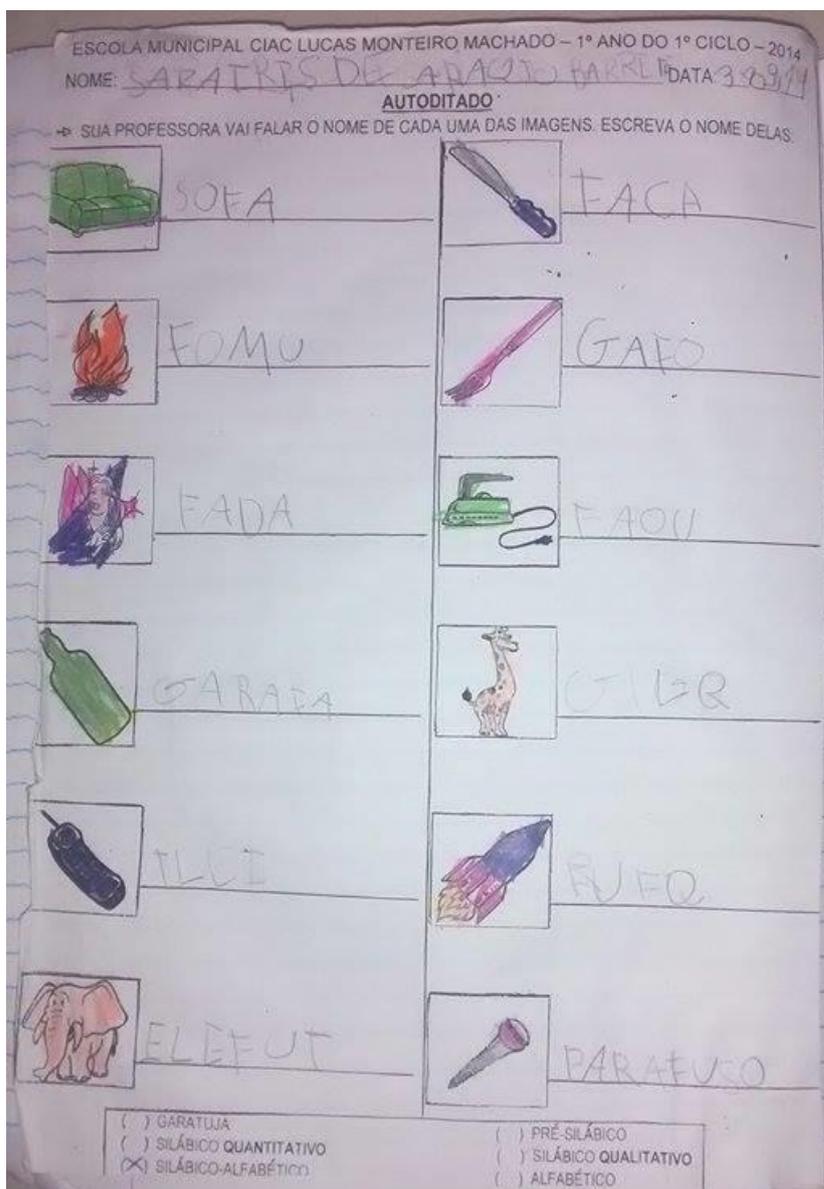
	BNEK
	LALA
	RETEKA
	SULO
	KNEETA
	GLAO

NÍVEL DE ESCRITA APRESENTADO:

<input type="checkbox"/> GARATUJA	<input type="checkbox"/> SILÁBICO QUALITATIVO
<input type="checkbox"/> PRÉ-SILÁBICO	<input type="checkbox"/> SILÁBICO-ALFABÉTICO
<input type="checkbox"/> SILÁBICO QUANTITATIVO	<input type="checkbox"/> ALFABÉTICO

Este tipo de escrita tem sido considerado tradicionalmente como “omissão de letras”. Do ponto de vista da escrita adulta convencional, faltam algumas letras, mas do ponto de vista do sujeito em desenvolvimento (a criança), este tipo de escrita é “acréscimo de letras”, porque está introduzindo mais letras que a sua análise silábica previa.

O período silábico-alfabético marca a transição entre os esquemas prévios a serem abandonados e os esquemas futuros que virão ser construídos. Começam então, a descobrir que a sílaba pode ser escrita com uma, duas, três ou mais letras, que o som não garante a identidade de letras, nem a identidade de letras a de sons, partindo assim para o nível alfabético.



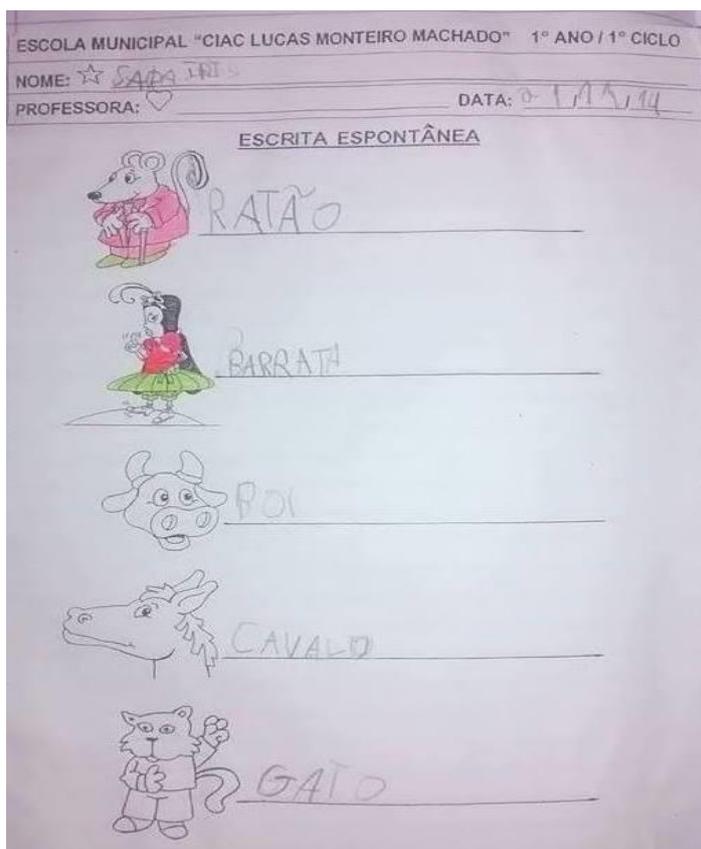
NÍVEL ALFABÉTICO

Caracteriza-se pela correspondência entre fonemas e grafias. Geralmente as crianças já conseguem ler e expressar graficamente o que pensa ou fala. Compreende a logicidade da base alfabética da escrita.

Exemplo: R + A = RA / T + O = TO formando assim a palavra RATO.

Nesse nível, têm a distinção de letra e sílaba, palavra e frase. A análise se aprimora e é possível a compreensão de que uma sílaba pode ter uma, duas ou três letras, mas ainda se confunde, ou se esquece de algumas letras. Muitas vezes centra sua escrita na sílaba, perdendo a noção do todo. Portanto o trabalho com sílabas dá um apoio para a escrita e possibilita uma conscientização do processo.

Quando a criança encontra-se no nível alfabético, ela é capaz de ligar os sons, o que produz à escrita, e a controlam tanto qualitativamente quanto quantitativamente. Ainda assim, é necessário recorrer ao plano contextual e ao significado, uma vez que há palavras pronunciadas da mesma forma, com o mesmo som e com escritas diferentes, como “sem” e “cem”, “cesta” e “sexta”.



Diante destas complexidades, a criança precisa passar por inúmeras dificuldades até a aquisição de nosso sistema ortográfico, MONTEIRO adverte sobre a questão:

Não é possível conceber que a fase alfabética constitua o final do processo de aquisição da escrita. É preciso que sejam consideradas as inúmeras dificuldades que a relativização dessa concepção impõe ao aprendiz, e as possíveis hipóteses e estratégias utilizadas por ele para vencer mais esta etapa na aquisição de nosso sistema ortográfico. (MONTEIRO, 2007, p.45)

O aprendizado na Escola não pode se restringir a cadernos, livros didáticos, cartilhas, conteúdos fragmentados e centrados na memorização de regras, exercícios repetitivos de palavras ou frases isoladas, crianças enfileiradas e um professor expondo os conteúdos, porque isso gera nas crianças um aprendizado cumulativo das regras em detrimento do uso gerativo das mesmas e em nada estimulam a criatividade das crianças. É preciso levarmos para a sala de aula atividades que tenham algum significado no processo de aquisição da linguagem falada e escrita, atividades estas que aproximam a criança com o outro, assim como diz KISHIMOTO:

“As crianças adquirem a linguagem falada, ouvindo e interagindo com outros na linguagem da família ou da comunidade, brincando de faz de conta em casa ou na escola, a aprendizagem da linguagem escrita pode ocorrer em casa ou na escola, por meio de escrita e leitura de cartas e cartões, internet, catálogos, cartas, receitas, guias de TV, lista de supermercado, jornais, jogos eletrônicos, de tabuleiro, livros, revistas, jornais...” (KISHIMOTO 2010, p. 141)

A criança tem o outro como espelho, e vê nele a possibilidade de se desenvolver e através dele adquirir seu conhecimento. Pois a construção do conhecimento se dá na interação com o outro.

Através deste trabalho com parlendas, a maioria das crianças já conseguia escrever frases curtas e algumas já eram capazes de escrever textos com coerência e coesão. E me aproveitando deste fato usei esta desenvoltura de algumas crianças e formamos grupos para escrevermos os roteiros para a criação dos curtas.

As crianças mostravam-se entusiasmadas em poder mudar o final de uma história da qual acreditavam que só poderia ter aquela narrativa. Foram duas produções com

alterações nos roteiros: a fabula “O casamento da Dona Baratinha” e a cantiga “Motorista.”

4 – O CINEMA NA VISÃO DA CRIANÇA

Segundo dados do IBOPE, as crianças brasileiras passam em média de quatro a cinco horas por dia na frente da televisão - cerca de 1.500 horas por ano, mais que as 800 horas que passam na escola. O audiovisual, portanto, é parte ativa da vida dessas crianças. Mas o que encontram é muitas vezes conteúdo que não foi pensado para elas de acordo com sua idade ou, principalmente, com sua nacionalidade.

Então, por que não incentivá-las a procurar outros entretenimentos? Pensando nisso, decidimos desenvolver um projeto onde a criança teria participação especial no processo de criação.

Com a criação dos curtas, as crianças puderam entender o básico da criação de animações. E assistiram vários curtas, aguçando assim, mais o interesse de assistir outras animações, não só na escola, mas também em outros ambientes.

Através do cinema, conseguimos entender o mundo real de uma criança, principalmente, quando colocamos uma câmera na altura dos olhos dela, este gesto tão simples, nos faz ver e entender o olhar da criança e o que ela sente. Pois, nós temos uma grande dificuldade em nos colocar no lugar de uma criança para produzir conteúdos que condizem com sua realidade. Mas de acordo com o artigo 71 do Estatuto da Criança e do Adolescente que diz que o público infante-juvenil tem direito, entre outros elementos, a cultura que “respeite sua condição peculiar de pessoa em desenvolvimento”.

Para que isso seja respeitado, é preciso um cuidado especial no momento de desenvolver atividades com o cinema por exemplo, devemos ficar atentos para a classificação dos filmes e observar se estão de acordo com a faixa etária da criança. Além de procurar sentir a emoção que elas estão sentindo no que está sendo passado para elas naquele momento, com conteúdos interessantes e que tenham significados. Porque um dos desafios de se produzir para crianças é entender o

universo delas. Segundo TEIXEIRA, (2014, p. 15)

“... um rosto não é somente algo que se oferece ao olhar, mas que também, e, sobretudo, olha. Por isso, esse cara a cara com o rosto enigmático da infância não se refere somente ao fato de que o cinema olha e nos ensina a olhar os gestos e os rostos das crianças, senão que o cinema se enfrenta e nos enfrenta ao que seria um olhar infantil sobre o mundo.” (TEIXEIRA, 2014, p. 15)

Portanto, trazer o cinema para a sala de aula é importante, ajuda a criança a entender o contexto, mas o professor deve saber o que deseja com o filme escolhido, o que pretende extrair da obra, as conexões que existem entre ela e o conteúdo e as possibilidades de paralelo entre materiais didáticos de outra natureza. E principalmente, que o filme traga significados para a criança, pois assim, inseri-la no contexto torna-se uma tarefa mais fácil, uma vez que o espectador só observa e aprende a linguagem cinematográfica quando está imerso no filme.

A linguagem audiovisual é bastante apreciada por crianças, elas crescem em contato com este tipo de linguagem, e são críticas com relação ao que consomem diariamente, principalmente na TV. Portanto temos que ter em mente que as crianças não são 'bonecos engessados' que aceitam tudo, e temos também que saber o que realmente elas necessitam para ocupar seu 'tempo livre' que é regulado pela indústria cultural

4.1 – CRIANÇA CONSUMIDORA OU AUTORA DE PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS?

Por meio de imagens, as crianças, em idade de alfabetização (6 a 8 anos), exploram espaços, conhecem e fazem conhecer, identificam experiências vividas e revelam sua sensibilidade estética, pois, “a criança, como todo espectador, observa, seleciona, compara, interpreta: liga aquilo que vê em muitas outras coisas que já têm visto em outros cenários, em outros tipos de lugares” (RANCIÉRE, 2010, citado por FRESQUET, 2013, p. 23). E uma maneira de associar estas experiências ao processo de aprendizagem é através da linguagem e da animação, que auxilia neste processo de um modo atrativo e prazeroso.

Como já foi mencionada, a proposta deste trabalho foi o de criação junto das crianças (curtas com temas de parlendas, usando a técnica do stop motion), a partir de elementos que fazem parte do cotidiano delas.

Encontramos na criação dos curtas de animação, uma possibilidade de promover novas relações de ensino-aprendizagem em que os alunos pudessem se expressar com maior liberdade, passando de consumidores a autores de uma produção mais significativa sócio cultural para eles e seus pares, levando-os a uma aproximação entre o cotidiano da escola e a produção fílmica

O aprendizado para ser plenamente alcançado, necessita, muitas vezes, sair da rotina do dia-a-dia escolar. Assim, cabe a nós educadores, a busca de alternativas para garantir uma boa formação das crianças, como salienta FRESQUET:

É na busca que se faz arte. É na busca que se aprende, ensinando. O permanente estado de busca de um educador significa estar sempre em uma travessia junto ao outro. É preciso vencer a inércia do saber pronto, concluído; daquele saber que só pode ser “ensinado”, mas que carece de toda novidade, mistério e participação na sua construção. A busca deve ser fascinante, já que a fruição das descobertas produz novos motivos de busca e investigação. (FRESQUET, 2013, p. 95)

Nem tudo consiste em ensinar, temos sempre que buscar o conhecimento, a novidade, pois ao se ensinar também se aprende, e quando fazemos isso junto com

o outro, o aprendizado se torna mais agradável.

Buscamos ensinar através das parlendas, que nos forneceu um repertório rico em oralidade e em sua relação com a escrita; levando que a criança construísse uma relação prazerosa com a leitura. A proposta do trabalho foi bem aceita pelas crianças, pois elas adoravam novidades e a todo momento estavam abertas aos desafios demonstrando uma autoestima muito boa, e mostrando que as dificuldades que eles enfrentaram estavam dentro da normalidade do que se espera para a aprendizagem da língua escrita.

4.2 - A CRIANÇA COMO PARTICIPANTE DO PROCESSO DE CRIAÇÃO

Antes de criarmos o primeiro curta usando os conteúdos escolares, introduzi o conceito de curta e stop motion. Em algumas aulas de informática, assistimos vários curtas de animação no you tube.

Depois de passar para as crianças a proposta do trabalho, ajudei aquelas que ainda não sabiam, a usar a câmera fotográfica e o tripé, elas sentiam-se importantes segurando a câmera, uma delas até fez um comentário dizendo que estavam parecendo repórter de jornal.

Posteriormente fizemos algumas experiências de curtas com bolinhas de massa de modelar, calçados e materiais escolares (lápiz, borracha, apontados e cola). Os vídeos foram exibidos na sala, usei o data show. Foi uma experiência sem igual: as crianças ficaram fascinadas ao ver as bolinhas de massinha, que elas mesmas haviam feito, se movendo, e mais ainda quando viram os calçados se movendo, algumas chegaram a dizer que “havia um fantasma” ou “o homem invisível” que estava usando os calçados.

Na parlenda “Festa do Tatu”, iniciamos as atividades com a leitura da parlenda que pôde ser acompanhada pelas crianças num cartaz com letras em caixa alta (recomendada e mais fácil, de ser assimilada por crianças em idade de alfabetização) e imagens ilustrando-a. Com esta parlenda fizemos várias atividades, principalmente de aplicação, como: completar a parlenda com palavras que estavam faltando, quantidade de letras e/ou sílabas das palavras, separação de sílabas, enumerar/organizar a sequência dos acontecimentos da história, auto ditado com o nome dos personagens. Também foram feitas máscaras do tatu para todas as crianças das 6 (seis) turmas de alfabetização, e como culminância foi realizada a festa do tatu, no auditório da escola (as turmas foram divididas em 2 grupos), com direito à bolo, pipoca, sanduíche e suco.

Já na criação dos curtas, usamos a parlenda original como roteiro, nos reunimos e decidimos como seria desenvolvida esta criação, as crianças optaram em elas

mesmas atuarem como personagens. Ai, surgiu nosso primeiro impasse, todas queriam ser o tatu. Depois de muita discussão chegamos aos escolhidos, toda a turma se encarregou de fazer o cenário, 4 (quatro) crianças seriam os personagens: João, Maria, Tereza e o Tatu, e outras 4 (quatro) ficaram encarregadas de registrar. Foram quase 2 (duas) horas apenas de registros, o que deixou as crianças agitadas, com vontade de parar. Quando a agitação era grande, trocávamos as crianças que estavam registrando e fizemos duas pausas com os personagens para um pequeno descanso. No final dos registros fizemos a festa do tatu com toda a turma.

As crianças mostravam-se ansiosas e apreensivas para ver o resultado. No momento da exibição do primeiro curta, parlenda “Festa do tatu”, a turma se reuniu para assistir junta, pois o trabalho (fotografias e personagens) foi realizado por um grupo de 8 crianças. As crianças ficaram fascinadas quando viram o produto, já havíamos conversado e visto outras produções feitas com massa de modelar, brinquedos e outros materiais, mas as crianças não faziam ideia de como fotos pudessem “fazer um boneco se mexer” ou “uma borboleta de massinha (“A Borboleta Primeiro Longa Metragem” vídeo do You Tube) comendo uma folha”, também feita com massa de modelar. Durante a exibição, principalmente as crianças que participaram diretamente da produção mostravam-se surpresas, algumas alegavam não ter feito determinado movimento, outra criança disse: “nossa professora! Demorou tanto pra gente fazer “aquilo” (fotografar) e deu só um pouquinho de filme?! Põe de novo, põe?”. O curta foi exibido várias vezes a pedido das crianças que a todo momento faziam observações e avaliações, como o tempo de realização muito diferente do de exibição, a posição do colega que fez algum movimento que deu diferença nas fotos e deixou lacunas no filme.

Nossa segunda produção envolvendo o projeto “Alfabetizando com Parlendas” foi a criação do curta que falava sobre “A Bota do Bode”, nesta produção, desenvolvemos atividades de aplicação (completar palavras, separação de sílabas, recortar e ordenar as frases da parlenda, e etc.) esta foi uma das criações que as crianças mais gostaram, fizemos uma encenação na biblioteca com os personagens - desenhados e coloridos por eles mesmos - colados em um palito, duas meninas articulavam os personagens, enquanto um garoto lia a história e outros 3 colegas

revezavam no registro das fotos e da filmagem, a aceitação foi tão boa, que as crianças pediram pra repetir a encenação - mas com crianças diferentes – fizemos com uma menina e um menino, sendo os manuseadores dos personagens e outra criança narrando a história. Foi um momento agradável, pois as crianças estavam acostumadas a frequentar a biblioteca apenas para fazer leituras e ouvir histórias.

A criação do curta se deu de maneira coletiva, e uma das escolhas do grupo foi de que os personagens seriam feitos com desenhos confeccionados por eles mesmos.



Montamos o cenário e um grupo de 6 (seis) crianças ficaram responsáveis por movimentar os animais e a bota e outras 3 (três) pelos registros.

Em outro roteiro re-escrito pela turma: a fábula “O Casamento da Dona Baratinha”, para criarmos o curta, usamos máscaras de bichos e as próprias crianças, que foram as personagens. Nesta criação tivemos que usar o faz de conta, pois havíamos acertado que os pretendentes da “Dona Baratinha” seriam os 9 (nove) meninos da turma, mas no dia combinado para fazermos os registros, 4 (quatro) meninos faltaram, então tivemos que colocar meninas para interpretar os personagens. Foi uma experiência muito legal, pois as meninas se sentiram à vontade em representar um papel considerado masculino. Este trabalho foi desenvolvido na biblioteca, porque o espaço é amplo e tinha um biombo, usado para contar histórias, o qual usamos para ser a janela da “Dona Baratinha”. Este foi outro trabalho bem aceito pelas crianças, pois foi realizado num ambiente diferente do que elas estavam acostumadas, a não ser nas aulas de literatura.



Nesta versão criada pelas crianças, Dom Ratão não teve um final trágico, como no roteiro original.

Depois de cair no caldeirão de feijão e ser dado como desaparecido, Dom Ratão é

encontrado, desmaiado, dentro do caldeirão de feijão, pelos bichos da floresta que o ajudaram a sair do caldeirão e convencendo a Dona Baratinha a aceitá-lo novamente, já que a noiva estava inconsolável e não aceitaria a atitude do noivo.

Mesmo triste com a atitude do noivo, Dona Baratinha o perdoou e casou-se com ele, e o casal viveu felizes para sempre.



A construção do roteiro para o curta de animação da música “Motorista” se deu de forma coletiva.



Levamos 8 (oito) aulas até chegarmos no momento dos registros, a nossa demora foi em decidir quais materiais seriam usados na produção, cada criança queria trazer um brinquedo de casa, então propus que trouxessem os brinquedos que quisessem, desde que fosse um brinquedo de pequeno porte para facilitar o manuseio. A princípio seria uma produção livre, usando apenas um roteiro criado por elas, mas com os materiais em mãos decidiu-se fazer um curta que tivesse como tema a música “Motorista”.



As crianças levantavam hipóteses de como ficaria o curta depois de finalizado se seguissem a letra original da música. Então começaram a questionar como seriam os buracos da pista, e como fariam o cobrador, elas mesmas levantaram várias situações que teriam que ter soluções, aproveitando desta situação, resolvi trabalhar com a turma o reconto de histórias e esta música foi a escolhida, (sempre focando a criação do curta), levei outras versões da música (impressa e áudio) para que elas pudessem comparar, à medida que as ideias iam surgindo os grupos as acrescentavam numa folha que lhes foram dadas, depois de várias versões criadas sentamos em roda e numa cartolina criamos nossa versão - foi um processo

demorado até chegarmos ao roteiro final, que ficou diferente do original, mas foi uma escolha das próprias crianças.

É importante que o professor ofereça à criança o contato com diferentes materiais textuais como: cartazes, panfletos, cartas, livros, poemas, receitas, bilhetes, bulas de remédio, etc. Também é interessante que construa junto com as crianças textos coletivos como: a rotina da sala, calendário do mês, chamada da turma, mural de atividades, reconta de histórias dentre outros. Atividades estas, que permitam o acesso da criança às características da escrita, bem como sua função social, produção e circulação.

Quando submetemos a criança às formas ultrapassadas de aprendizagem onde é entregue tudo pronto e acabado e ela se torna um mero reprodutor de uma construção do adulto, sem valorizar sua produção, suas vivências e pensamentos, estamos massacrando-as e prejudicando seu desenvolvimento. É tarefa da escola ajudar as crianças nesta atividade de reflexão sobre as palavras escritas, para que, sem traumas ou massacres, tenham sucesso na compreensão do sistema alfabético.

O professor deve estar disposto a construir estratégias de trabalho com atividades variadas onde a criança possa interagir com o grupo de forma prazerosa e enriquecedora. O processo de desenvolvimento da escrita reflete na organização do trabalho pedagógico sistemático, ou seja, o desenvolvimento da escrita irá depender do trabalho pedagógico desenvolvido com as crianças.

Com as criações dos curtas de animação, os educandos tiveram o senso crítico estimulado, em relação às produções audiovisuais que, mais consumiam diariamente através da Internet, TV e Cinema. Durante aulas de informática eles pediam para ver vídeos, principalmente curtas para apreciarem se foram produzidos através da técnica do Stop Motion, algumas vezes, combinávamos de deixar os 15 minutos finais, depois de terminarmos as atividades propostas, para vermos vídeos no You Tube. A maior parte dos vídeos eram indicações das próprias crianças, com esta prática notava que as crianças faziam comentários como: “ nó véio (gíria usada

para se dirigir a um conhecido) a máquina tava dentro da casa, cê viu? Mostrô a escada lá de cima.” Uma criança se referindo ao enquadramento da câmera em um dos vídeos vistos.

Com a realização deste trabalho pude perceber algumas atitudes das crianças que precisaram ser trabalhadas, principalmente com relação ao espírito de equipe, pois algumas delas mostravam-se intolerantes com os colegas, como numa das produções, em que o tema foi escolhido junto com a turma e envolvia carrinhos. No início, encontramos dificuldades para desenvolvê-la: um garoto chegou para a colega que movia um dos carrinhos e disse:

- Laura (nome fictício) anda depressa, você é muito mole.

A medida que o tempo ia passando, o garoto perdia a paciência com Laura, chegou até mim e falou:

- Professora, tira a Laura e coloca o Marcos (nome fictício), ela tá atrapalhando nosso time, ela não sabe brincar de carrinho.

Em momento algum repreendi o garoto, apenas falei:

- você também não sabia brincar de carrinho, aprendeu porque alguém te mostrou como se brinca, com Laura não é diferente, se alguém ensinar, ela também vai aprender.

No início ele não aceitou meu posicionamento, mas aos poucos percebeu que não haveria outra maneira e começou a dar dicas para Laura.

Assim, o garoto começou a valorizar os trabalhos dos demais colegas, procurando agir cooperativamente durante todo o processo de criação do curta.



Aproveitando o episódio, trabalhei com a turma algumas dinâmicas para que as crianças percebessem a importância do outro em nosso dia a dia.

Uma das dinâmicas foi do “pirulito” onde todos deveriam posicionar-se numa roda (de pé) com um braço apoiado na coxa e o outro esticado na horizontal, entreguei um pirulito, sem o papel, para cada uma e pedi para que assim que desse o comando elas fizessem o que eu pedi:

- Sem fazer comentários, vocês poderão chupar o pirulito, mas não poderão dobrar o braço, deverão deixá-lo sempre esticado, e não poderão sair dos lugares.

Uma das crianças falou:

- Ah professora! Nunca vou conseguir fazer isso.

Permaneci o tempo todo calada, apenas observando.

Uma das crianças colocou o pirulito na boca e alegou que cumpriu a tarefa, mas não conseguiu explicar como havia feito, outras duas ficaram nervosas e pediram pra

sentar, até que Felipe (nome fictício) cochichou no ouvido do colega ao lado e colocou o pirulito na boca dele e o soltou, este colega fez o mesmo com quem estava do lado e os outros percebendo o que os companheiros estavam fazendo, resolveram fazer o mesmo, alguns ficaram sem o pirulito, mas perceberam que só conseguiriam cumprir a tarefa se fossem auxiliados pelo outro.

A execução desta dinâmica foi bem proveitosa, pois percebi que as crianças tiveram que desenvolver estratégias para a dificuldade de colocar o pirulito na boca, e tiveram que respeitar o limite do outro, além de auxiliar o colega que por algum motivo não conseguiu desenvolver a função atribuída à equipe. Algumas crianças por si entenderam que o trabalho em equipe é união e amizade em prol de um objetivo comum. Como diz Moscovici, (2005, p.5).

Pode-se considerar equipe um grupo que compreende seus objetivos e está engajado em alcançá-los, de forma compartilhada. A comunicação entre os membros é verdadeira, opiniões divergentes são estimuladas. [...] Respeito, mente aberta e cooperação são elevados. O grupo investe constantemente em seu próprio crescimento.

Trabalhando em equipe, a criança aprende a ouvir e a se posicionar. Aprende a respeitar os limites do outro, ajudá-lo, e também a desenvolver habilidades para solucionar um problema. É um momento de troca, em que a criança se depara com diferentes percepções (discutir estratégias com o outro, que nem sempre é seu amigo), é uma oportunidade de construir e desconstruir coletivamente o conhecimento. Ou seja: Trabalhar em equipe é saber ser parte de um todo como afirma Brandão (2007, p.10): “A educação é, como outras, uma fração do modo de vida dos grupos sociais que a criam e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em uma sociedade.”

Outra dinâmica foi a dos balões: enquanto a turma estava no recreio, enchi os balões e os reservei num canto.

Na turma havia dois garotos que se consideravam melhores que os outros porque já eram capazes de ler e escrever fluentemente, (a ponto da mãe de um deles ir na escola e dizer que o filho iria estudar mais para ser o destaque da turma) os dois

ficavam numa disputa pessoal, mesmo com intervenções minhas e de outras professoras, e esta dinâmica foi mais um modo de tentar amenizar esta disputa entre eles.

Intencionalmente, perguntei para a turma se todos os alunos eram iguais, exceto estes dois garotos, a turma respondeu que sim, fizemos uma discussão para ouvir a opinião de cada um sobre o assunto, então pedi para que os dois que se consideravam os melhores levantasse todos os balões sem deixar nenhum balão no chão, eles foram, eufóricos, um tentando pegar mais balões que o outro, os colegas incentivando-os, e os dois empolgados, mas não conseguiram levantar todos os balões, então perguntei aos dois porque não pediam a ajuda dos colegas, foi o que fizeram.

Após a dinâmica conversamos sobre a importância do outro em nossas vidas. Foi discutido a singularidade de cada um, e que trabalhando juntos só tinham a somar, cada um com suas ideias e todos juntos saíam ganhando.



Estes dois garotos que se consideravam os melhores, possivelmente, já trouxeram este 'sentimento de superioridade' de casa, e para uma boa convivência com a turma e com outros colegas da escola é necessário que seja trabalhado, em sala de aula, alguns valores que facilitarão o modo de eles aceitarem que todos são iguais e juntos podem fazer toda a diferença, como diz BRANDÃO:

A educação participa do processo de produção de crenças e ideias, de qualificações e especialidades que envolvem as trocas de

símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipos de sociedades. E esta é sua força. (BRANDÃO, 2007 p.11)

Passamos o ano de 2014 trabalhando os animais tanto nas fabulas, músicas, parlendas, gráficos como em ciências que culminou com uma visita ao Jardim Zoológico, no mês de novembro. Assim, muitas crianças que nunca haviam ido ao zoológico puderam ver de perto como eram o elefante, o lobo, o pato, o macaco, a borboleta, o leão e vários outros animais que estiveram presentes durante todo o ano, nas atividades de alfabetização.

Depois de criarmos e exibirmos os curtas que havíamos planejado ao longo do ano, fizemos uma avaliação geral das as atividades, as crianças fizeram vários relatos.

Um dos comentários que chamou a atenção foi o de Caio Henrique que disse:

“Eu aprendi a ler naquele dia que você me ajudou a colocar as palavras na ordem certa, eu tava sentado ali ó?! E a primeira coisa que eu li foi gato né professora?”

Caio estava se referindo ao dia que começou a identificar as primeiras palavras durante uma atividade de colocar as palavras da parlenda “A Bota do Bode” em sequência.

Mais um comentário que chamou a atenção foi o de Sarah Vitória:

“Eu achei engraçado o Pedro ser o João e o João ser o Tatu.”

Ao assistir a produção da parlenda “Festa do Tatu” e deixando claro que no faz de conta a troca de papéis é possível.

Já Kaio Gabriel, que mais gostava de registrar as atividades e os colegas falou:

“Professora, minha mãe tem celular, mas ela não deixa eu tirar foto, eu gosto tanto quando você deixa eu tirar nossas fotos.”

Ágata que representou a “Dona Baratinha” disse:

“A gente podia descer pra biblioteca todos os dias, no dia que nós não pega livro e nossa aula é lá é mais legal, igual quando a Mimi (Mirela) e a Lelê (Letícia) contou a história da bota do bode.”

Após a avaliação, percebi que a estratégia usada (associar a alfabetização ao cinema) foi acertada, pois levou as crianças a ter um contato maior com produções cinematográficas, entendendo como até mesmo algumas fotos podem gerar movimentos e virar filme, como explica TEIXEIRA:

“... o cinema é feito de imagens em movimento, nos quais às vezes se incrustam palavras e sons. E com essas imagens móveis, as quais se incorporam palavras e sons, o cinema, as vezes, somente às vezes, conta uma história. Digamos que o cinema é a arte do visível, a que foi dada a capacidade de relato, graças ao movimento.”
(TEIXEIRA, 2014, p. 12)

Portanto, reconhecer que imagens paradas podem produzir um filme foi um aprendizado sem igual para as crianças que participaram deste trabalho. E a sala de aula foi um local que proporcionou a estas crianças um contato maior com produções audiovisuais, que mesmo curtas, contavam/relatavam uma história e as encantavam. Principalmente, por perceberem que é possível narrar uma história que não foi registrada na sequência em que foi exibida.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação dos curtas de animação associada ao projeto “Alfabetizando com parlendas” mostrou-se um poderoso instrumento para a alfabetização audiovisual das crianças. A maioria delas conseguiu assimilar o conteúdo proposto, se divertindo e participando ativamente de todo o processo. Elas brincaram de fazer cinema, e produziram vários filmes, e o melhor: com poucos recursos materiais, usando apenas câmera fotográfica, tripé, alguns recursos didáticos (sobre tudo materiais de uso escolar) e um editor de imagens/vídeos.

Este trabalho serviu para mostrar que o aprendizado vai além de livros e cadernos, e que se é capaz de aprender brincando. Para que este aprendizado realmente aconteça, o professor deve ter o senso crítico para escolher atividades que sejam realmente relevantes e que tenham algum significado na vida da criança.

Foi uma experiência muito boa ver o produto deste trabalho, pois no início deste, algumas pessoas não acreditavam que algo poderia dar certo, frequentemente ouvia frases como: “Você é doida, soltar uma câmera nas mãos desses meninos”, ou “Você acha que eles vão dar conta de fazer alguma coisa?” Falas como estas me deixaram mais forte e me fizeram acreditar que trabalhar com novidades é mais significativo, uma vez que o novo sempre traz desafios e as crianças com as quais foi desenvolvido o trabalho adoram ser desafiadas.

A trajetória não foi fácil, enfrentamos muitas dificuldades como a descrença em nosso trabalho, por parte de alguns funcionários que observavam de longe; por causa do nosso cronograma escolar que tínhamos que cumprir (muitas vezes tínhamos que deixar de produzir, porque alguma professora faltou e a professora Klaud - que desenvolveu o projeto junto com a turma - teria que substituir a professora faltosa); nos dias de reposição, de uma greve feita nos meses de maio e junho, muitas crianças faltavam à aula; faríamos nossa última produção no início do ano letivo de 2015, pois estava acertado que eu continuaria com a mesma turma, seria a representação do dia a dia de uma sala de aula, mas infelizmente não foi possível fazer nossa última produção porque o CIAC foi interditado, devido a

problemas na estrutura do prédio.

Então as turmas do 1º ano do 1º ciclo passaram a ser atendidas na Escola Municipal Vila Pinho – no mesmo bairro - assim como o 2º ano do 2º ciclo; as turmas do 3º ano do 2º ciclo e as turmas do 3º ciclo passaram a ser atendidas na Escola Municipal Solar Rubi – no bairro Solar – já as turmas dos 2º e 3º anos do 1º ciclo e as turmas do 1º ano do 2º ciclo continuaram sendo atendidas pelo CIAC, mas em um prédio com capacidade para 6 (seis) turmas, a secretaria está funcionando no, antigo, prédio anexo UMEI Lucas Monteiro Machado, que não está com a estrutura comprometida (é um prédio que foi inaugurado em Agosto de 2014).

Com todas estas mudanças alguns professores tiveram que deixar o CIAC ou mudar de horário, como aconteceu comigo, mudei meu horário de trabalho, o que inviabilizou continuar com a mesma turma no ano de 2015, como já havíamos definido no ano de 2014. Mesmo se prosseguisse com a turma, a sequência do nosso trabalho seria complicada, nas condições que o novo local de funcionamento do CIAC se encontra: um prédio comercial com 6 (seis) salas no segundo andar e no terraço funciona a cozinha, refeitório, mecanografia, sala dos professores, sala da direção, banheiro masculino e banheiro feminino (que é usado por alunos e funcionários) e um espaço de aproximadamente 6 metros de largura por 9 metros de comprimento para as crianças fazerem educação física e brincar no intervalo entre as aulas, além disso, o prédio não possui biblioteca, sala de informática, sala de vídeo ou outro local que possa ser usado como tal.

Mas conseguimos contornar parte destes percalços e o nosso objetivo mais importante em todo o processo que seria a alfabetização de forma prazerosa, está surtindo resultados. A turma fechou o ano com 21 estudantes, dos quais, para a hipótese da escrita: 1 (uma) criança encontrava-se no nível pré-silábico, 2 (duas) crianças no nível silábico, 5 (cinco) no nível silábico-alfabético e 13 (treze) no nível alfabético, sendo destas 13 (treze) crianças 5 (cinco) no nível alfabético canônico e 8 (oito) no nível alfabético ortográfico.

6 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BESERRA, Carla Rhaissa G.; RODRIGUES, Josiane P. Gêneros orais na sala de alfabetização: Parlandas. Educação e Docência, São José do Rio Preto, V.1, n. 1, p. 63 – 73, jan/jun de 2010.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é educação. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

FERREIRA Betânia A.; RAMOS Fernanda M. O papel do trava-língua, enquanto gênero oral, na sala de alfabetização. Educação e Docência, São José do Rio Preto, V.1, n. 1, p. 53 – 61, jan/jun de 2010.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. 24 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2001. 104 p.

FERREIRO, Emilia e TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Artmed Editora. Porto Alegre. 1999

FRESQUET. Adriana, Cinema e educação. Experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola. – Belo Horizonte: Autêntica, 2013 (Coleção Alteridade e Criação).127 p

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Alfabetização e Letramento/Literacia no contexto da educação Infantil: Desafios para o ensino, para a pesquisa e para a formação. In: DALBEN. Ângela. Convergência e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 134 à 156

LEMLE, Miriam. Guia teórico do alfabetizador. São Paulo: Ática, 1988

MONTEIRO, Ana Márcia Luna. “Sebra-ssono-pessado-asado”: O uso do “s” sob a ótica daquele que aprende. In MORAIS, Artur Gomes. O Aprendizado da Ortografia. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. P. 43-59.

MOSCOVICI, Fela. Equipes dão certo: a multiplicação do talento humano. 10 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

TEIXEIRA, I AC; Larrosa, J; LOPES, J S M. A infância vai ao cinema. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. 256 p

Art. 71 do Estatuto da Criança e do Adolescente - Lei 8069/90

WWW.PRIMEIROFILME.COM.BR. Acessado em 28/04/2015

7 – ANEXOS

ANEXO 1

O MACACO E O COELHO

UM MACACO E UM COELHO FIZERAM A COMBINAÇÃO DE UM MATAR AS BORBOLETAS E OUTRO MATAR AS COBRAS. LOGO DEPOIS O COELHO DORMIU. O MACACO VEIO E PUXOU-LHE AS ORELHAS.

– O QUE É ISSO? – GRITOU O COELHO, ACORDANDO NUM PULO.

O MACACO DEU UMA RISADA.

– AH, AH! PENSEI QUE FOSSEM DUAS BORBOLETAS...

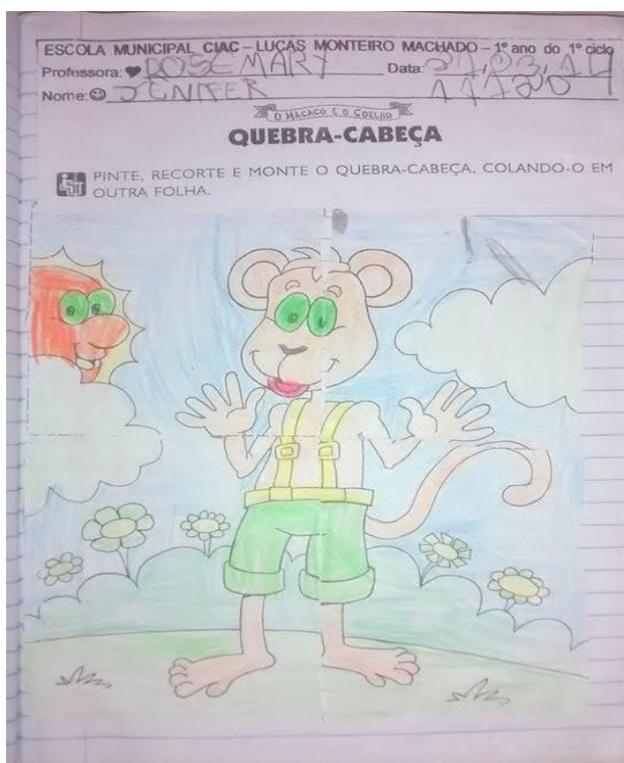
O COELHO DANOU COM A BRINCADEIRA E DISSE LÁ CONSIGO: “ESPERE QUE TE CURO.”

LOGO DEPOIS O MACACO SE SENTOU NUMA PEDRA PARA COMER UMA BANANA. O COELHO VEIO POR TRÁS, COM UM PAU E LEPT! – PREGOU-LHE UMA GRANDE PAULADA NO RABO.

O MACACO DEU UM BERRO, PULANDO PARA CIMA DUMA ÁRVORE, A GEMER.

– DESCULPE, AMIGO – DISSE LÁ EMBAIXO O COELHO – VI AQUELE RABO TORCIDINHO EM CIMA DA PEDRA E PENSEI QUE FOSSE COBRA.

FOI DESDE AÍ QUE O COELHO, DE MEDO DO MACACO VINGAR-SE, PASSOU A MORAR EM BURACOS.



Atividade de localização e coordenação motora.

ANEXO 2

O CASAMENTO DA DONA BARATINHA

ERA UMA VEZ UMA LINDA BARATINHA.

GOSTAVA DE TUDO MUITO LIMPO E ARRUMADO.

UM BELO DIA, DONA BARATINHA VARRIA O JARDIM DE SUA CASA QUANDO ENCONTROU UMA MOEDINHA. FICOU MUITO FELIZ!

RAPIDAMENTE, TOMOU UM BANHO, COLOCOU UM VESTIDINHO BEM BONITO, UMA FITA NO CABELO E FICOU NA JANELA DA SALA DE SUA CASA CANTANDO ASSIM:

"QUEM QUER CASAR COM A DONA BARATINHA QUE TEM FITA NO CABELO E DINHEIRO NA CAIXINHA?"

LOGO, LOGO COMEÇARAM A CHEGAR OS PRETENDENTES.

O PRIMEIRO QUE PASSOU FOI O SENHOR CAVALO, MUITO BEM VESTIDO.

DONA BARATINHA PERGUNTOU ENTÃO PARA ELE:

- QUE BARULHO O SENHOR FAZ QUANDO DORME? E ELE RESPONDEU:

- QUANDO EU DURMO, O MEU RONCO É ASSIM - IÓH... IOH... IÓH... IÓHOOOOOOOO...

- SAIA JÁ DAQUI! O SENHOR ME ASSUSTA COM TODO ESSE BARULHO!

DONA BARATINHA VOLTOU PARA SUA JANELA, CANTANDO A MESMA CANÇÃO.

"QUEM QUER CASAR COM A DONA BARATINHA QUE TEM FITA NO CABELO E DINHEIRO NA CAIXINHA?"

UM TEMPO DEPOIS PASSOU UM BOI TODO ARRUMADINHO E FALANTE, DIZENDO:

- EU SEREI O MARIDO IDEAL PARA A SENHORA.

- QUANDO O SENHOR DORME, COMO É O BARULHO QUE O SENHOR FAZ?

- EU FAÇO ASSIM – MUUUUUU...

ASSUSTADA DONA BARATINHA MANDOU QUE ELE SAÍSSE E NUNCA MAIS PASSASSE POR LÁ PARA ASSUSTÁ-LA NOVAMENTE.

DEPOIS VIERAM O CACHORRO, O GATO E OUTROS BICHOS. INFELIZMENTE TODOS ERAM MUITO BARULHENTOS E NÃO IAM DEIXAR D.

BARATINHA DORMIR.

DEPOIS DE ALGUM TEMPO, JÁ DESANIMADA, DONA BARATINHA RECEBEU UMA VISITA INESPERADA. ERA O SENHOR RATÃO, MUITO FALANTE E ANIMADO:

- SENHORA BARATINHA, ESTOU MUITO APAIXONADO PELA SENHORA E PRETENDO ME CASAR LOGO, LOGO.

A SENHORA ACEITA?

MAIS UMA VEZ, DONA BARATINHA PERGUNTOU:

- "COMO O SENHOR FAZ PARA DORMIR?"

SENHOR RATÃO DISSE:

- EU SOU MUITO DISCRETO EM TUDO QUE FAÇO.

ATÉ PARA DORMIR, MEU RONQUINHO É MUITO BAIXINHO E DIFICILMENTE EU RONCO!

É ASSIM:

- IIIIIHHHHIIIIHHHHHH...

- QUE MARAVILHA! DISSE DONA BARATINHA! ESSE BARULHO NÃO ME ASSUSTA, ATÉ PARECE UMA SUAVE MELODIA. COM VOCÊ EU QUERO ME CASAR E TENHO CERTEZA QUE SEREMOS FELIZES PARA SEMPRE!!!!

LOGO FORAM MARCANDO A DATA DO CASAMENTO E PREPARANDO A FESTA. DONA BARATINHA PEDIU PARA SUAS AMIGAS ABELHAS, FORMIGAS E BORBOLETAS PREPARAREM UMA GOSTOSA FEIJOADA, SUCOS DE DIFERENTES FRUTAS E MUITOS DOCES!

NO DIA MARCADO, A NOIVA JÁ ESTAVA ESPERANDO NA IGREJA TODA PREOCUPADA, PORQUE TODOS OS CONVIDADOS ESTAVAM LÁ TAMBÉM, SÓ FALTAVA O QUERIDO NOIVO.

CORRE DAQUI, PERGUNTA DALI E NADA! NINGUÉM SABIA DO PARADEIRO DO DISTINTO CAVALHEIRO. O QUE SERÁ QUE TINHA ACONTECIDO COM ELE? TODOS SE PERGUNTAVAM...

ACONTECE QUE SENHOR RATÃO ERA MUITO GULOSO. NÃO RESISTIU ESPERAR PELA SURPRESA DA FESTA QUE A NOIVA HAVIA LHE PREPARADO. ENTÃO, APROVEITANDO QUE TODOS JÁ ESTAVAM NA IGREJA ELE FOI ATÉ A CASA DAS AMIGAS DE SUA NOIVA ONDE TUDO ESTAVA PRONTINHO E ARRUMADINHO E FOI INVESTIGAR OS COMES E BEBES.

QUANDO SENTIU O CHEIRINHO APETITOSO DA FEIJOADA, RESOLVEU SUBIR NA PANELA E EXPERIMENTAR UM POUQUINHO... ACONTECE QUE SENHOR RATÃO PERDEU O EQUILÍBRIO E CAIU NA PANELA DO FEIJÃO! COMO NÃO TINHA NINGUÉM EM CASA ELE NÃO SE SALVOU, MORREU AFOGADO DENTRO DA GOSTOSA FEIJOADA!!! QUANDO SOUBE DO ACONTECIDO, DONA BARATINHA TRISTE FICOU. VOLTOU PARA SUA CASA E CONTINUOU A VIDINHA DE SEMPRE.



Encenação da fábula “O Casamento da Dona Baratinha” - (Biblioteca da escola)

ANEXO 3

FESTA DO TATU

JOÃO CORTA PÃO...

MARIA MEXE ANGU...

TEREZA PÕE A MESA...

PARA A FESTA DO TATU...



Festa do tatu – Auditório da escola com as turmas de alfabetização reunidas.



Encenação da Festa do Tatu.

ANEXO 4

A BOTA DO BODE

O BODE VIU A BOTA.

O BODE COLOCOU A BOTA NA PATA.

E FICOU MUITO GOZADO!

UMA BOTA NUMA PATA E TRÊS PATAS SEM BOTAS!

O BODE DEU A BOTA PARA O RATO.

E O RATO SUMIU NA BOTA.

O RATO DEU A BOTA PARA O GALO.

E O GALO NÃO ANDOU NA BOTA!

O GALO DEU A BOTA PARA O GATO.

O GATO FALOU:

___ A BOTA É UMA BOA CASA!

___ UMA CASA? FALOU O GALO.

VEIO A GATA E FALOU:

___ UMA CASA PARA OS NOSSOS FILHOTES!



Narrando a parlenda a Bota do Bode - na biblioteca.



Criação do curta a Bota do Bode.

ANEXO 5

FOGO NO CÉU

O BODE FALOU PARA O RATO:

- O CÉU PEGOU FOGO!

O RATO FALOU PARA A PATA:

- O CÉU PEGOU FOGO!

A PATA FALOU PARA O GALO:

- O CÉU PEGOU FOGO!

FUGIU O RATO. FUGIU O GALO. FUGIU A PATA. FUGIU O BODE.

O BODE VIU A CORUJA E FALOU:

- CORRE CORUJA! O CÉU PEGOU FOGO.

O FOGO VAI CAIR NA MATA!

A CORUJA VIU O CÉU E FALOU:

- O FOGO É UM BALÃO DE SÃO JOÃO.

O BODE FALOU:

- UM BALÃO DE SÃO JOÃO! VAMOS APAGAR O FOGO DO BALÃO.

O FOGO NÃO PODE PEGAR NA MATA!

O BALÃO CAIU. O BODE APAGOU O FOGO E PENDUROU O BALÃO.

E TODAS DERAM VIVAS A SÃO JOÃO!



Trabalhando sequência com a parlenda Fogo no Céu.

ANEXO 6

O POTE DE MELADO

O GATO FALOU:

- VEM, RATO.

O RATO FALOU:

- VEM, PATO.

O GATO FALOU:

- VAMOS COMER MELADO.

- A VOVÓ VEM AÍ! – FALOU O PATO.

E O GATO PULOU NA LATA,

O RATO PULOU NO BULE,

O PATO PULOU NA PANELA.

A VOVÓ VIU O RABO DO GATO.

VIU O RABO DO RATO.

VIU O RABO DO PATO.

A VOVÓ PEGOU O GATO PELO RABO.

PEGOU O RATO PELO RABO.

PEGOU O PATO PELO RABO.

E A VOVÓ DEU, PARA ELES, UM POTE DE MELADO.

PORTIECLIC

Nome: MARIA VILA MOUTIRO M.
Nome do Livro: ILUSTRADO - ADO - CASPUS
Resumo: (a) RUMBA

PRODUÇÃO COLETIVA - O POTE DE MELADO

MEU FINAL IDEAL

1. QUE OUTRO FINAL VOCÊ DARIA PRA HISTÓRIA O POTE DE MELADO?

A VOVÓ VIU O RABO DO GATO
NA COZINHA E PERCEBEU
QUE ERA O RATO. O PATO E O GATO
A VOVÓ COLOCOU OS TRES DE CANTO
DEPOIS DE APRENDEREM A LIGAR O
PELO O POTE DE MELADO. PARALELO



2. A VOVÓ DA HISTÓRIA É MUITO BOAZINHA. E SUAS AVÓS?
CONTE UM POUCO SOBRE ELAS PRA SEUS COLEGAS.

A MINHA VOVÓ É MUITO BOAZINHA
A MINHA VOVÓ É EDUCADA.
A MINHA VOVÓ MUDA OS RÓ

PORTIECLIC

Nome: MARIA VILA MOUTIRO M.
Nome do Livro: ILUSTRADO - ADO - CASPUS
Resumo: (a) RUMBA

DATA: 11/09/14

O POTE DE MELADO

O DESAFIO DO GATO

DESCOBRIR QUANTAS VEZES CADA PALAVRA ESCRITA
POR MIM APARECE NO LIVRO O POTE DE MELADO.

GATO 5

RATO 5

PATO 5

VOVÓ 4

COMER 1

POTE 1 MELADO 1

RABO 1 PANELA 1

LATA 1 ESCONDEU 1

BULE 1 PULOU 1



ANEXO 7

A música “Motorista” na versão das crianças:

MOTORISTAS, MOTORISTAS
OLHEM O TRÂNSITO, OLHEM O TRÂNSITO...
TÁ ENGARRAFADO, TÁ ENGARRAFADO (HÁ HÁ HÁ)

CONDUTORES, CONDUTORES
OS PEDESTRES, OS PEDESTRES...
ELES ESTÃO NA FAIXA, ELES ESTÃO NA FAIXA (HÁ HÁ HÁ)

SEU MOTOR, SEU MOTOR
OLHA O POSTE, OLHA O POSTE
ESTÁ NA SUA FRENTE, ESTÁ NA SUA FRENTE
VAI BATER... JÁ BATEU (BUM...)

